

EUROPA,  
ATLÂNTICO  
E O MUNDO  
MOBILIDADES, CRISES,  
DINÂMICAS CULTURAIS

**PENSAR COM**

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

EUROPE, THE ATLANTIC AND THE WORLD  
MOBILITY, CRISES, CULTURAL DYNAMICS

THINKING WITH MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

**COORDENAÇÃO**

ISABEL MARIA FREITAS VALENTE

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
2017

## TESTEMUNHOS

### TRIBUTES

O conselho científico do livro decidiu incluir todos os testemunhos de homenagem a Maria Manuela Tavares Ribeiro que foram enviados, de forma espontânea, durante a elaboração desta obra.

#### *Para a Manuela*

Estas palavras de introdução ao colóquio “A Europa, o Atlântico e o Mundo. Mobilidades, Crises e Dinâmicas Culturais”, organizado pela Doutora Isabel Maria Freitas Valente, são dedicadas, obviamente, à Manuela, a Professora Doutora Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro. E, se me é permitido afirmar, só eu deveria estar aqui a dizê-las, pela minha relação profissional e grande Amizade mas também pelo caminho que fizemos juntos e pelos caminhos que trilhámos separados.

Entrei para a Faculdade de Letras como Segundo Assistente em 21 de Março de 1970. Era praticamente o primeiro membro da equipa que o Professor Silva Dias — a quem presto uma sentida homenagem no centenário do seu nascimento — queria formar, dedicada genericamente à Cultura Portuguesa (Seminário de Cultura Portuguesa, assim se chamava) e mais especificamente ao estudo do século XIX. Tinha apresentado a minha dissertação de licenciatura em 1966 (fará agora em Julho 50 anos!) sobre a Contra-Revolução e o Tradicionalismo em José da Gama e Castro. A Manuela veio reforçar esta “equipa”, que ainda não o era, em 1971, como Técnica de Investigação, e em 1974 apresentava a tese

de licenciatura sobre o setembrista, socialista utópico e depois fontista António Pedro Lopes de Mendonça. A seguir fomos escalando a pulso as nossas carreiras, na Faculdade de Letras e no Instituto de História e Teoria das Ideias, fundado depois de Abril de 1974: eu a carreira docente, com um doutoramento em 1978, sobre o pensamento político da Restauração — a nova estrutura curricular obrigara-me a alargar o leque da minha investigação e ainda mais da minha docência, pois cheguei a ser professor de quase tudo, incluindo História da Cultura Medieval —, e a Manuela, primeiro a carreira de técnica e de investigadora e, depois do doutoramento, em 1988, acerca de Portugal na Revolução de 1848, a carreira docente. E assim nos fizemos historiadores, cada um a seu modo, e entrevistamos, também evidentemente cada um à sua maneira, na vida da Universidade, deste país e do mundo. Acima de tudo tornámo-nos Amigos, o mais importante que existe na vida, que, para mim — quando me vou despedindo da Família que vai perecendo (hábito que adquiri desde muito jovem, embora, felizmente, fosse renovando também essa Família) — já vai começando a ter alguma extensão. Afinal vivemos, como todos, serena ou dramaticamente, as alegrias e as desilusões que o tempo nos vai trazendo.

Mas o nosso encontro é também com essa ideia de “Europa”, que vai vivendo ora em ambiente de tragédia ora com raios de esperança. Uma das mensagens que o meu irmão Gonçalo (que hoje, 17 de Fevereiro, faria 85 anos) me transmitiu no dia da sua morte e do meu aniversário (14 de Janeiro passado) foi a da tristeza perante esta Europa e este Mundo ditos “civilizados” que vêm, com alguma insensibilidade, todos os dias morrerem naufragadas crianças da idade dos seus bisnetos!

Na verdade, o Centro de Estudos Europeus da Faculdade de Direito, dirigido então pelo Professor Manuel Porto, meu colega de Liceu e de Universidade — a que me liga, apesar das diferenças existentes entre nós, uma verdadeira estima —, convidou-me para dar um curso no Funchal sobre “História da Ideia de «Europa»”. Foi assim que cheguei aos Estudos Europeus, tendo leccionado esse curso de 1992 a 2000. Devo

confessar, porém, que então já era um eurocrítico, a ponto de aderir e de ter traduzido para português um manifesto, de 1989, de um efêmero e malogrado movimento intitulado “Para a Europa Cultural”, que saíra de Paris, se prolongara pela Itália, na Universidade de Florença, coordenado pelo grande historiador Salvo Mastellone, e que acabara por atrair universitários de várias nações e de diversas sensibilidades. Mas, entendia eu que deveria conhecer cada vez melhor esta “Europa” que se foi e ia fazendo, para ensinar de modo mais profundo, rigoroso e complexo a sua história. Nem mesmo declarações governamentais de cunho universitário cheias de esperança, como a declaração de Bolonha (1999), me entusiasmarem e, em boa parte, estive ao lado dos estudantes no Senado da Universidade de Coimbra, que dela desconfiavam. E em breve declarava-me pronto a contestar esse documento de Bolonha, assinado pelos ministros da Educação, que se ia consolidando como “processo burocrático”, contribuindo para quebrar (a meu ver) com a democratização da Universidade e concorrendo para a sua massificação e para a perda de autonomia e de debate crítico nas Escolas.

Deste modo, afastei-me formalmente dos Estudos Europeus, assumindo a sua leccionação a minha colega Maria Manuela que, felizmente, conservou sempre o seu distanciamento crítico, embora não deixasse de aceitar constituir uma licenciatura autónoma nessa área que eu — nenhum de nós confundiu Amizade com as ideias que íamos formando — critiquei e em relação à qual me abstive na votação, no Conselho Científico e no Senado. O meu pensamento teria levado antes à formação de um curso de Ciência Política — com uma significativa estruturação historiográfica, pois a História é a ciência mais antiga e metodologicamente mais organizada entre as Ciências Sociais — que se abrisse em pós-graduações para Estudos Europeus, mas também para Estudos Americanos, Estudos Asiáticos e Estudos Africanos, de acordo com a nossa histórica multiculturalidade.

Enfim, as nossas derrotas e vitórias jamais pesaram nas relações entre nós e o certo é que a Manuela pôde vir a realizar, com o meu aplauso

de universitário e de amigo, uma excelente carreira sobretudo dedicada aos Estudos Europeus. De tal modo o soube fazer que correu a Europa, participando em inúmeros colóquios, publicou muitos textos de autoria e coordenação e veio a criar os seus primeiros discípulos de mestrado e de doutoramento, de que é exemplo a Doutora Isabel Maria Freitas Valente, organizadora deste congresso. Entretanto, eu envolvia-me também, com a Manuela ou sem a Manuela, em estudos relacionados com o Brasil, mas sobretudo em estudos africanos, que continuam fora do objecto fundamental (à excepção dos de Literatura) das áreas de ensino e de investigação da minha Faculdade de Letras, apenas se acantonando, todavia sem grandes perspectivas, no Centro que fundámos, o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), além do Centro de Estudos Sociais (CES) e do Departamento de Antropologia.

No CEIS20 a Manuela continuou também a sua vida de direcção e de pesquisa, sucedendo-me na coordenação do Centro e na direcção da revista, *Estudos do Século XX*. Ao mesmo tempo criava ali a colecção “Estudos sobre a Europa” e, sob a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra, a colecção “História Contemporânea”, em que tive a honra de publicar, em 2009, o livro de referência dos meus últimos estudos, *Estado Novos, Estado Novo*.

Enfim, os nossos diferentes trajectos de vida e de carreira são feitos de sucessos e insucessos. E aqui estou para homenagear a minha colega que, como eu, tem sabido aceitar tanto uns como outros, embora protestando por vezes. Um pouco como é para nós a história da Europa e das suas ideias, que vamos tentando interpretar criticamente.

Talvez por isso seja interessante ainda perscrutar a lógica da evolução desta ideia de Europa em Portugal, numa breve nota interpretativa — polémica, como devem ser lidos os meus textos de historiador cidadão —, que dedico à nossa querida colega Maria Manuela.

Coimbra, 17 de fevereiro de 2016

Luís Reis Torgal

Mui querida Manuela

Ainda que fisicamente ausente, sabes que estou de coração na homenagem que te é prestada, a reconhecer quanto, mui abnegadamente, deste à Faculdade.

Feliz, como calculas, feliz por saber que pude contribuir para toda essa brilhante actividade que levou bem longe o nome da nossa Escola, ao associar-te, desde o primeiro momento, ao programa ERASMUS que se debruçava sobre Estudos Europeus, numa altura em que essa disciplina timidamente encetava passos e nós estávamos a ser, na verdade, pioneiros.

Numa época em que mais liberdade se detinha, foi-me possível, como coordenador, fazer com que me acompanhasses a Granada, a Salamanca, a Galway, a Siena, a Poitiers... enfim, às universidades com que tivemos oportunidade de estreitar laços, hoje felizmente bem consolidados, para prestígio da nossa Escola e elevado proveito por parte de estudantes e de docentes.

Bem hajas por teres aceiteado o desafio e, de modo especial, por tão eficientemente teres empunhado essa bandeira.

Um grande abraço, Amiga, e... felicidades!

Cascais, 14 de fevereiro de 2016

José d'Encarnação

À Exma. Senhora Professora Doutora  
Maria Manuela Tavares Ribeiro

Tenho a honra e o privilégio de conhecer, há muitos anos, a Senhora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro, ilustre Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Não é fácil, numa página, reportar-me aos notáveis contributos que concedeu, não apenas à Universidade Portuguesa, em concreto à Universidade de Coimbra, mas, de igual modo, a várias Universidades Europeias e Americanas, designadamente no Brasil.

A Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro, através da sua intensa atividade científica e pedagógica, deu um contributo assinalável ao desenvolvimento, em Portugal, de áreas como, a História das Ideias, a História Cultural, História das Ideias de Europa, História Política e as Relações Internacionais.

Pude testemunhar, em concreto, a dedicação e o empenho verdadeiramente inigualáveis, da Senhora Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro, quando participei nos inúmeros colóquios, seminários e conferências por si organizados na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao longo de vários anos.

Por outro lado, sempre que lhe era solicitada colaboração, neste caso por parte da Universidade dos Açores, estava constantemente disponível para aceitar os desafios.

A sua intensa actividade científica e pedagógica poderá ser analisada através do seu vasto e riquíssimo Curriculum Vitae. Neste contexto, gostaria de destacar o fato de ter cerca de duas centenas de publicações, entre livros, capítulos de livros, artigos com e sem arbitragem científica, e outros textos.

Por outro lado, a sua participação em conferências, colóquios e seminários é verdadeiramente notável, assim como em júris de provas académicas (mestrados, doutoramentos e agregações) e de concursos.

Foi ainda distinguida com um prémio nacional e um Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Oradea, na Roménia.

Gostaria, ainda, de referir o facto de ter lecionado um vastíssimo leque de disciplinas, como por exemplo: Cultura Portuguesa, História das Ideias, a Ideia de Europa, História da Europa Contemporânea, Portugal e a Integração Europeia, Identidades e Tensões no Espaço Europeu, Federalismo e Regionalismo, etc.

É coordenadora de investigação do grupo “Europeísmo, Atlanticidade e Mundialização” no âmbito do Centro de Estudos Internacionais do Século XX, do qual foi Diretora. É, de igual modo, membro das seguintes instituições: Academia Portuguesa de História; Academia Internacional da Cultura Portuguesa; Academia das Ciências de Lisboa, entre outras.

Foi Diretora da prestigiada Revista de Estudos Contemporâneos do Século XX, cujas publicações constituem, sem dúvida, um marco assinalável no estudo de várias matérias muito relevantes, sendo uma delas a europeia.

Muito embora não tenha sido exaustivo no que diz respeito às atividades desenvolvidas pela Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro, penso que enumerei as que me parecem mais relevantes.

De qualquer modo, gostaria de assinalar, mais uma vez, o importantíssimo contributo que deu ao estudo das temáticas anteriormente referidas.

Para finalizar, quero realçar a sua faceta humanista. Para além de ser uma verdadeira Senhora, é uma pessoa afável, agradável e que está sempre disposta a ajudar.

Ponta Delgada, dezembro de 2016

Luis Vieira de Andrade

À Professora Doutora Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro

Agradeço o simpático convite que me foi dirigido para me associar a este evento e, por esta via, apresentar o meu preito de homenagem, e de gratidão, à Senhora Professora Doutora Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro.

Ao longo dos séculos emergiram figuras que pelo seu exemplo e pela sua obra acumularam uma tal autoridade que transformou os seus nomes em autênticos protótipos das respetivas áreas científicas. Assim se verificou, por exemplo, com Aristóteles cujo nome se tornou sinónimo de filosofia. Tanto assim que, ao longo de séculos a fio, foi universalmente aceite, e reconhecido, que invocar “o filósofo” apenas poderia ser uma referência ao Estagirita. Por outro lado, quando, no nosso país, nos referimos ao *príncipe dos poetas*, ninguém seguramente duvidará de que é Camões que temos em mente. Pois bem, o nome da Senhora Professora Doutora Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro também se viria a tornar sinónimo de uma área do saber, aquela que viria a cultivar com particular empenho, consolidando-a na sua Universidade de Coimbra bem como no universo da academia portuguesa em geral e imprimindo-lhe uma invejável projeção continental, europeia e planetária: os Estudos Europeus. Recordo a primeira vez que tive a honra de participar num evento científico organizado pela Senhora Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro na *alma mater* portuguesa, um IP, um curso intensivo europeu, reunindo estudantes e colegas das mais variadas proveniências nacionais e com um cunho marcadamente interdisciplinar. Jamais esquecerei a naturalidade com que entre uns e outros, estudantes e colegas, o nome da Senhora Doutora Maria Manuela era sinónimo de Europa e de Estudos Europeus.

A partir deste encontro inicial, não tive como resistir ao feitiço do seu entusiasmo – tal como se verificou com inúmeros colegas e estudantes de várias gerações – da sua competência, da sua retidão e da sua generosidade estruturantes.

Foi, portanto, com total naturalidade que a Senhora Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro se tornou uma espécie de mecenas da minha própria carreira académica na Universidade dos Açores e, nela, da promoção dos Estudos Europeus na academia açoriana. Uma mecenas no sentido clássico, que nunca hesitou em nos oferecer o seu apoio, sempre que necessário, lecionando cursos intensivos, orientando seminários, integrando júris de provas académicas, oferecendo-nos preciosos recursos bibliográficos de apoio à docência e participando na pluralidade de iniciativas em que a vida académica naturalmente se traduz.

Foi na senda dos caminhos por ela desbravados que consegui proceder à introdução dos Estudos Europeus na Universidade dos Açores. Primeiro, com a organização de cursos breves, colóquios e seminários. De seguida, com a promoção de unidades curriculares avulsas apoiadas num Módulo Jean Monnet. Por fim, com a criação de um curso de licenciatura, alicerçado numa Cátedra Jean Monnet. Dentro de escassos meses, completar-se-ão 10 anos desde que a Universidade dos Açores produziu os primeiros licenciados em Estudos Europeus. Ora, se pudemos concretizar uma tal tarefa, em boa parte à Senhora Professora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro o devemos. Desde a lição inaugural do Módulo Jean Monnet, ela tem vindo a imprimir uma marca indelével na academia açoriana. Tudo isto para não me reportar ao impacto que tem vindo a exercer sobre a minha carreira académica, em particular ao nível da investigação e da internacionalização. Não posso deixar de sublinhar a minha integração no CEIS 20 e, nele, no grupo de trabalho por ela coordenado subordinado ao tema *Europeísmo, Atlanticidade e Mundialização* e, bem assim, a generosidade com que me apresentou ao Conselho Científico do Master em Estudos Europeus liderado pela Universidade de Siena sobre *O Processo de Construção Europeia*, e que viria a integrar até à sua dissolução com a passagem à reforma da sua grande impulsionadora, a Senhora Professora Doutora Ariane Landuyt.

Como poderia, portanto, deixar de me regozijar, muito vivamente, por esta justíssima iniciativa, sublinhando que nunca como hoje me foi

tão gratificante deslocar-me a Coimbra. Agradeço, portanto, à Senhora Doutora Isabel Valente, o amável convite e a organização sempre impecável deste encontro. Quanto a si, Senhora Doutora Maria Manuela, à Professora, à cientista, não tenho palavras para exprimir a minha gratidão – e a gratidão da Universidade dos Açores – pelo patrocínio, precioso, que nunca nos negou. Trata-se, aliás, de uma tarefa em que sou acompanhado pelos nossos alunos, que infelizmente aqui não podem estar, e pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores. Nem sequer agora, depois da sua reforma se furta a continuar a oferecer-nos os seus prestimosos serviços. Já à pessoa concreta, não agradeço o carinho e o bem-estar que sempre encontrei no seu convívio. Conforme aprendei há já largos anos, a amizade, a verdadeira amizade, que, na senda de Aristóteles, nos convoca a olhar o outro, não como um *alter*, ou como um agente a quem nos poderão ligar laços utilitários, mas como um *outro eu*, um *outro*, que acaba por fazer parte do *eu*, com ele se consolidando, essa, não se agradece. Tal como a minha mão direita não agradece à esquerda, nem ambas alguma vez agradeceram ao meu cérebro, à minha boca, aos meus ouvidos ou ao meu nariz – a não ser em sentido estritamente figurado. Pois bem, tão pouco a amizade se agradece. A amizade vive-se. No convívio. E, se alguma coisa tenho a lamentar, é que o Atlântico seja tão largo e tão profundo, não me permitindo, portanto, vir até Coimbra ou levá-la a Ponta Delgada com mais frequência de modo a podermos conviver ainda mais vezes e mais intensamente.

Procurando fixar a especial dignidade do ser humano, os clássicos apontam para uma característica que lhe é peculiar. Todos os demais seres, tanto os inanimados como os vivos, nascem marcados pela natureza com as características que os enformam e às quais de modo algum conseguem escapar. Por esta razão, aliás, é que permanecem mais ou menos inalterados através dos tempos; os mármore e os granitos, os sobreiros e os cedros, os cães e os gatos, permanecem hoje, mais ou menos idênticos àquilo que sempre foram, na Antiguidade, nos tempos do Senhor D. Afonso Henriques, na altura dos Descobrimentos, ou no

tempo de Salazar e de Marcelo Caetano. O ser humano destaca-se entre toda a criação pela sua “capacidade plástica”, como diria Nietzsche, de se ir forjando a si próprio a partir do convívio com os seus pares. Apenas o ser humano é capaz de produzir civilização – e barbárie –, sendo, portanto, responsável pelo que faz ou por aquilo em que se transforma.

Se o fogo não é responsável por queimar, nem a água responsável por afogar, ou o cão responsável por morder, ou o gato por arranhar – é da sua natureza –, os seres humanos, esses sim, são responsáveis pelo que fazem das suas vidas. Daí, também, a peculiar importância da educação entre os seres humanos. Os demais seres vivos conhecem períodos mais ou menos longos de treino e de aquisição de competências básicas. Já o ser humano é um ser de educação – que se prolonga por toda a sua vida. Numa palavra, a educação emerge como o processo paradigmaticamente humano através do qual nos construímos a nós próprios. Acresce que, nesta tarefa, os nossos mestres e educadores assumem uma projeção e um valor manifestamente essenciais. Através do convívio com os clássicos que nos proporcionam e dos modelos em que as suas próprias vidas e carreiras se traduzem, os nossos mestres constituem modelos vivos que nos disponibilizam caminhos de futuro.

Ao trabalhar o barro na roda, o oleiro é diretamente responsável pela estatueta, pelo prato, ou pela jarra em que o transforma. Oferecendo-nos modelos a partir dos quais, aproveitando as oportunidades que nos são disponibilizadas pelo carácter plástico da condição humana, nos vamos afirmando ao longo das nossas vidas como as pessoas concretas que somos, também os nossos mestres ocupam um lugar muito especial nas nossas vidas, já que são, de facto, corresponsáveis pela personalidade que vamos adquirindo. Ora, ao longo da sua vida, a Senhora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro tem sido fundamentalmente uma Mestre e uma educadora de gerações de alunos – e de colegas – e, por isso mesmo, uma obreira de mulheres e de homens que, norteados pelos seus ensinamentos e pelo seu exemplo, foram mais ou menos capazes de se superar, de crescer, de se ir afirmando na vida e de tornar as sociedades

em que se inserem um pouco mais civilizadas, no sentido clássico, isto é, mais capazes, mesmo que apenas ligeiramente, de disponibilizar às mulheres e aos homens que integram condições que lhes permitam alcançar a felicidade e a vida boa, que merece ser vivida.

Conhecê-la, Senhora Doutora, foi um privilégio, já que o convívio consigo foi indubitavelmente responsável direto por me ter vindo a transformar num professor melhor e numa pessoa melhor do que era. E, estou seguro de que o mesmo dirão dezenas, centenas, milhares de outros que ao longo dos anos se deixaram tocar pelos seus ensinamentos e pelo seu exemplo.

Nesta hora que é de justa homenagem, aqui fica, portanto, este pequeno texto, com os protestos do meu tão profundo quanto sincero reconhecimento, pela preciosa pegada intelectual que a Senhora Professora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro nos deixa.

Coimbra, 17 de fevereiro de 2016

Carlos E. Pacheco Amaral

À Professora Doutora Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro

Falar da Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro é, obviamente, uma audácia que só nos permitimos confiantes na sua generosa amizade com que nos tem privilegiado. Fazemo-lo, sem a mais ínfima pretensão, apenas movidas pela dívida de gratidão, pela estima e respeito pela excelência da académica, pelo brilhantismo da professora, pela escola que cria diariamente, pela estrutura ética, intelectual e cultural da académica e cidadã.

Ao longo da sua vida, a Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro nunca deixou todavia de ser uma académica, uma académica brilhante, desde os tempos de estudante. Para sempre, ficará a marca do seu pioneirismo em determinadas áreas de investigação e ensino em Portugal, como é exemplo do estudo e da investigação em Estudos Europeus, no campo da História e das Humanidades, numa época em que estas matérias estavam circunscritas aos estudos económicos e jurídicos. A sua obra pioneira e a originalidade das temáticas abordadas abriram novos caminhos na história da integração europeia, em geral, e da integração portuguesa, em particular.

Do seu notável percurso académico realce-se, ainda, a criação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra do *1º Ciclo em Estudos Europeus*, do Curso de Mestrado Estudos sobre a Europa. Europa – As Visões do ‘Outro’, do Doutoramento (3º Ciclo) em Estudos Europeus e do Curso de Doutoramento em Estudos Contemporâneos do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20. A dedicação da Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro à Universidade foi total, não só como docente, mestre, conferencista, mas também exercendo funções da mais elevada responsabilidade: deixando nelas a sua marca inconfundível. Assim aconteceu com a presidência do CEIS20 e com a direção de várias Revistas Científicas. Destacam-se, entre outras, *Estudos do Século XX* e *Debater a Europa*.

A sua permanente disponibilidade e o reconhecimento da sua incontestável competência científica e pedagógica leva a que seja regular-

mente convidada para proferir palestras, seminários, para participar em congressos nacionais e estrangeiros. Bem como à atribuição de prémios como em 2004, o Prémio de História Contemporânea – Professor Joaquim Veríssimo Serrão/Fundação Eng. António de Almeida e Academia Portuguesa da História ou a atribuição, em 2014, do Doutoramento Honoris causa pela Universidade de Oradea, na Roménia.

Para além da investigação, contínua, profunda e sempre atualizada, reflectida em textos vários, designadamente em colecções por si coordenadas como: *Estudos sobre a Europa* ou *História Contemporânea*, tem sido uma criadora de condições para que outros avançassem nestes domínios. Assim aconteceu e acontece com o permanente incentivo a jovens investigadores, que orienta e estimula, não só, na formação académica, mas também humana.

Como muitos dos seus discípulos sentimo-nos devedoras do seu Saber, da segurança ímpar da sua orientação científica, das preciosas sugestões de trabalho e da atenção dedicada que sempre nos dispensou, fazendo crescer a nossa admiração e consolidar o nosso profundo reconhecimento.

Nestes quinze anos de aprendizagem, não podemos deixar de sublinhar, uma vez mais, o seu Saber, a sua facilidade de exposição, a forma como relaciona a teoria com a prática, a ancoragem de todo o seu pensamento num sólido enquadramento conceptual e histórico, o seu rigor crítico, a sua inquietação, a sua permanente curiosidade pela vida e pelo *Olhar do Outro*. E a empatia que facilmente se estabelece entre Mestre e discípulos faz com que as questões, as interrogações surjam naturalmente e estimulem, sempre, o cruzamento de perspectivas, de olhares, e proporcionem frutuozos diálogos.

Outro elemento caracterizador da personalidade da Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro é a abertura a colaborar em outras iniciativas. Trata-se de faceta que nós, de um modo particular, não podemos omitir, correspondendo sempre aos convites formulados e enriquecendo com a sua palavra, com a sua experiência, com a sua exigência científica e

com a sua escrita seminários, colóquios, congressos e publicações que fomos procurando promover.

A publicação desta obra celebra o percurso académico e a vida da Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro, a elegância da sua presença e do seu discurso, a abertura ao *Outro*, a simpatia do olhar e do sorriso bem como a nobreza de carácter e de conduta, da maneira de estar na vida.

Coimbra, 17 de fevereiro de 2016

Isabel Maria Freitas Valente